

## O RAP COMO FERRAMENTA FOLKCOMUNICACIONAL DE INVOCAÇÃO DA LIDERANÇA DE AMÍLCAR CABRAL NA GUINÉ-BISSAU<sup>1</sup>

Francisco Carlos Guerra de Mendonça Júnior<sup>2</sup>  
Gabriel Moreira da Silva Cunha<sup>3</sup>  
Davi Rodrigues Pinheiro<sup>4</sup>

### RESUMO

Este resumo expandido tem como objetivo mostrar o papel do rap como ferramenta folkcomunicacional no contexto de Guiné-Bissau, país localizado na Costa Ocidental do continente africano. A pesquisa mostra a figura de Amílcar Cabral como elo de ligação dos rappers de intervenção social do país, tanto para reforçar o legado do revolucionário, como também para cobrar responsabilidade dos atuais dirigentes, através do respeito ao legado do líder. Assim, é reforçado o papel de Cabral como um líder de opinião, um agente que Beltrão (2002) entendia como responsável por decodificar as questões sociais e repassar para a população.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amílcar Cabral, Rap, Folkcomunicação, Guiné-Bissau.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica e tecnológica, que busca ampliar a consciência das africanidades dos estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir). O trabalho tem o intuito de mostrar como o rap é capaz de relatar características sociopolíticas e culturais de cidades africanas, por meio das letras dos artistas.

A partir de entrevistas e análises discursivas de músicas (Pêcheux, 2001) são criados episódios de podcasts para narrar as especificidades de cada cidade. No processo de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT 4: Futuros Ancestrais, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Professor do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Rondônia. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra. Chefe do Departamento Acadêmico de Comunicação e líder do grupo de pesquisa BARRAS – Bloco de Ação em Rap, Rádio e Ausências Sonoras. Contato: carlos.guerra@unir.br

<sup>3</sup> Estudante do 7º período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Bolsista de Iniciação Científica da Unir, no âmbito do projeto Barras Maning Arretadas. E-mail: gabrielmoreirac6@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do 8º período do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Membro do grupo de pesquisa BARRAS – Bloco de Ações em Rap, Rádio e Ausências Sonoras. E-mail: davipvhpinheiro@gmail.com

produção do episódio que foi apresentado o rap de Bissau, capital de Guiné-Bissau, país localizado na Costa Ocidental do continente africano, observou-se a constante presença dos discursos sobre Amílcar Cabral nas letras dos rappers e nas entrevistas feitas no âmbito da pesquisa. Assim, buscou-se compreender através de estudos sobre a invocação de líderes de opinião no âmbito da folkcomunicação tanto as características particulares do rap da Guiné-Bissau como o papel de Cabral como líder folk.

Devido a essa constante invocação do papel de Amílcar Cabral no discurso dos rappers, o podcast inclusive foi lançado no Dia do Centenário de Cabral: 12 de setembro de 2024. Na primeira parte deste trabalho busca-se apresentar os princípios ideológicos de Amílcar Cabral. Em seguida, reflete-se sobre o papel do rap como ferramenta folkcomunicacional em uma interligação com a invocação do nome de Cabral.

## PRINCÍPIOS IDEOLÓGICOS DE AMÍLCAR CABRAL

Amílcar Cabral foi um líder revolucionário que defendia os ideais de “Unidade, Luta e Progresso” para a Guiné-Bissau e Cabo Verde, países que detêm ligações históricas e os seus líderes lutaram juntos na Guerra Colonial, finalizada em 1974. Os termos “Unidade e Luta” são, inclusive, o subtítulo do seu livro “A Arma da Teoria”, no qual apresentava as diretrizes para conquistar a independência. O revolucionário entendia que apenas através da união dos povos oprimidos seria possível alcançar estratégias revolucionárias. Assim, propunha uma luta conjunta entre Cabo Verde e Guiné Bissau, visto que Cabo Verde era um país que não tinha habitantes quando Portugal passou a colonizar os territórios em 1460 e esse processo de habitação foi feito, majoritariamente, através do tráfico forçado de guineenses. Sendo assim, Cabral entendia que se tratava de um só povo. Os dois países só se separaram em 1980.

Cabral foi o líder do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), fundado de forma clandestina em 1959. O objetivo era conseguir a liberdade de ambos os territórios. Líder do processo revolucionário, Cabral foi assassinado em janeiro de 1973, devido a traição de aliados, não chegando a ver a independência que liderou, já que a Guiné Bissau se tornou independente em setembro de 1973.

Em sua obra, Cabral (1976) defende que “a luta armada era um princípio político que deveria orientar as ações do partido e era uma prioridade” (Cabral, 1976, p. 26). Ele afirmava que “nossa luta, tomada em seu aspecto político, é uma luta de libertação nacional” (Cabral,

1976, p. 27). Além disso, Cabral acreditava que a educação e cultura eram fundamentais para a construção de uma sociedade igualitária.

Apesar da importância fundamental de Cabral para a independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde, o ativista e investigador científico na área da história contemporânea Sumaila Jaló afirma, em entrevista no âmbito desta pesquisa, que o legado de Cabral foi silenciado no âmbito educacional, a partir de mudanças ideológicas tomadas pelo regime na década de 1980, quando houve maior aproximação com os Estados Unidos.

Dessa abertura há uma lógica de austeridade, de cortes em tudo o que diz respeito à governação e à organização social e política dos países africanos. Uma dessas consequências se sentiu no setor educativo, onde se apagou praticamente a história do país e a mudança ideológica, obrigou, por exemplo, em disciplinas como filosofia, história, onde se aprendia sobre a luta e sobre o materialismo científico que orientou o Partido que lutou para a independência. Todas estas questões importantes para o conhecimento histórico no país começaram a desaparecer no ambiente educativo e a própria figura de Cabral, figura de outros combatentes para a independência da Guiné-Bissau e para a independência de Cabo Verde, começaram a desaparecer. Desaparecer do mapa da historiografia escolar, digamos assim, e de outras disciplinas onde havia possibilidades de aprender a história do país (Jaló, entrevista, 21 de maio de 2024).

Reforçando este argumento, Té & Monteiro (2023) detalham como a crise econômica vivida pelo país influenciou para que Guiné-Bissau deixasse o viés socialista e se aproximasse dos Estados Unidos.

Com a crise dos países socialistas no final da década de 1980, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM) estavam dispostos a emprestar uma parte considerável dos fundos necessários para o país. Em decorrência disso, o país abandonou as orientações de viés socialista. Essa situação levou o governo bissau-guineense a adotar, em maio de 1983, o Programa de Ajustamento Estrutural (PAE), financiado e assessorado pelo FMI e o BM (Mendy, 1996). Quanto a isto, não se pode esquecer que o Estado da Guiné-Bissau, por várias razões, depende em grande parte da ajuda externa para resolver os seus problemas. Esse fato põe em perigo a sua soberania e a sua segurança interna (Lopes, 1982), representando a política da dependência econômica ligada à condição de mendicância, anunciada por Chabal (1992). Com isso, argumenta-se que o desenvolvimento econômico contínuo (ou melhor, o subdesenvolvimento) do país dependente implica uma dependência maior, e não menor na pós-independência. Esse processo ficou conhecido na África como neocolonialismo (Té & Monteiro, 2023, p.14).

Em contraponto a essa postura neocolonial, Jaló afirma que o rap desempenhou um papel de resgate do legado de Cabral, como forma de ensinar aos jovens sobre as estratégias ideológicas do revolucionário. “É no rap, e noutras formas de expressão artística, que Cabral

é recuperado, é resgatado a sua figura e o seu legado” (Jaló, entrevista, 21 de maio de 2024). Jaló cita o rapper Masta Tito, um artista perseguido pelo regime, como um nome que faz referência constantemente ao nome de Cabral nas músicas, para cobrar respeito ao legado do líder. O rapper Imperador é outro que destaca suas inspirações na figura de Cabral. Imperador declara, em entrevista para esta pesquisa, que o país se desviou dos princípios de Cabral e os atuais dirigentes seguem em uma direção contrária. Ele critica as ações anti-patrióticas dos políticos e a desunião que prevalece no país, resultando em problemas sociais e na insatisfação do povo.

Barros e Lima (2013) analisam como o rap nesses países mantém vivo o discurso pan-africanista e nacionalista de Cabral, ao mesmo tempo que critica a classe política atual por ter traído seus ideais. O pan-africanismo, nesse contexto, é compreendido como movimento que defende a união política, econômica e cultural dos povos africanos e da diáspora, valorizando a identidade negra e a solidariedade entre as nações africanas frente ao colonialismo e ao imperialismo. Hernandez (2005) explica que o pan-africanismo era um movimento liderado por intelectuais negros, em sua maioria na diáspora, surgido no final do século XIX, que buscava estratégias para contropor o racismo sofrido. O movimento que buscava mostrar o potencial revolucionário das pessoas negras, promovendo assim aliança entre todos os africanos e seus descendentes, como forma de combater o racismo e o colonialismo.

Uma dessas estratégias mais notórias do movimento era a de reverter a lógica dos discursos negativos sobre eles, criando narrativas que colocam o negro em uma posição hierarquicamente superior.

## O PAPEL DO RAP COMO REFORÇO DA LIDERANÇA DE CABRAL

A música rap é tida como uma ferramenta folkcomunicacional e contra-hegemônica que globalizou as demandas da população negra e periférica (Mendonça Júnior & Nobre, 2015). O seu caráter folkcomunicacional é evidenciado por se tratar de uma ferramenta popular, de fácil acesso, que garante a inclusão das camadas populares em debates públicos no âmbito sociopolítico.

Em relação ao seu caráter contra-hegemônico, Gilroy (2001) pontua que a música negra atua como um agente de interligação cultural entre pessoas residentes em diferentes continentes, no espaço em que o autor denomina por Atlântico Negro. Trata-se de observar a música como uma forma de comunicação entre os residentes no continente africano e os

afrodiásporicos. Assim, a música é estudada não apenas pelo seu viés rítmico, mas pelas mensagens que está transmitido, reforçando seu caráter folkcomunicacional.

Trata-se de uma ligação semelhante aos princípios do pan-africanista, já que esse movimento buscava interligar os africanos na diáspora e no continente. Desse modo, há leituras que apontam o próprio rap como um movimento de origem pan-africana.

O rap não é propriedade dos americanos. Tanto a música dos Estados Unidos quanto a do Brasil são a soma de várias coisas do mundo. Você pode falar que é pan-africano, porque ele é uma fusão, que vem do reggae, que nasceu com os caras tocando na Jamaica e que ouviam rhythm'n'blues de Miami (Sales apud Rocha, Domenich, Casseano, 2001, P.133).

Beltrão (2001) pontua que as comunidades populares formavam líderes de opinião, que se destacavam por decodificar as mensagens e interpretar para o seu público. A partir dos estudos de Lima e Barros (2013) observa-se que Amílcar Cabral é tido como esse líder de opinião para os rappers. Segundo os autores, os rappers utilizam a imagem de Cabral como um “MC”, mensageiro da verdade que representa a esperança e a luta por um futuro melhor. Há uma tensão entre o legado de Cabral e a atual situação política dos dois países. Segundo os autores, enquanto Cabo Verde se afastou do projeto pan-africanista após 1980, a Guiné-Bissau continuou a enfrentar desafios significativos em sua governança. O rap, nesse contexto, se torna um veículo de expressão de revolta e crítica, com os jovens denunciando a falha das gerações passadas em cumprir os ideais de emancipação e justiça social (Lima & Barros, 2013). Em entrevista no âmbito desta pesquisa, o rapper Imperador relata sobre como Cabral é visto como uma referência tanto para os rappers como para a população em geral.

Nós somos Cabral, nós somos o sangue de Amílcar Cabral. O Amílcar Cabral ensinou-nos a viver numa unidade. A manter-se unido, que é a sigla mesmo da nossa coroa nacional, que é a unidade. Unidade para lutar, que é para progredir. A unidade, luta e progresso (Imperador, entrevista, 16 de junho de 2024).

A coroa mencionada por Imperador é o brasão das armas de Guiné Bissau, como pode ser observado abaixo:

**FIGURA 1: Brasão de Armas de Guiné-Bissau**



Fonte: Divulgação

Este brasão foi adotado após a independência, como forma de relembrar a luta anticolonial. Essa unidade defendida por Cabral não era exclusiva dos territórios de Cabo Verde e Guiné Bissau. Ele pretendia ampliar para todo o continente africano, adotando assim princípios pan-africanistas. Como símbolo da luta pan-africanista, o brasão referido também possui uma estrela preta.

Um dos princípios de Amílcar é de que a mudança social não poderia acontecer apenas por detecção de problemas de forma intuitiva. Faz-se necessário ter um embasamento ideológico para alcançar a revolução. Nas palavras de Cabral, “por mais quente que seja a água da fonte, ela não coze o teu arroz” (CABRAL, 1976, p. 90). Nesta frase, o revolucionário pontua que não se pode agir apenas por instinto, mas sim ter um planejamento, feito a partir do embasamento teórico, sobretudo por meio dos ensinamentos de Engels e Marx, já que ele tinha um viés marxista. Essa vertente ideológica adotada por Cabral não era unânime dentro do movimento pan-africanista. De acordo com Wedderburn (2002), o pan-africanismo se dividia em três vertentes: pró-nacionalismo negro, pró-capitalista e pró-comunista. A vertente pró-nacionalismo negro defendia que as ideologias oriundas do Ocidente não podiam responder às questões específicas do continente africano.

Cabral se identificava com a corrente pró-comunista, por entender que a luta racial deveria estar atrelada com a luta de classes e com o materialismo histórico. Sendo assim, a invocação ao nome de Cabral feita pelos rappers não é apenas de saudade dos seus

princípios, mas também de críticas às consequências atuais do regime, como mais uma derivação da luta de classes. Um exemplo disso pode ser visto na música na música “Guiné de Cabral”, lançada em 2021 pelo rapper Kakus Malgos. O artista retrata na música que se vive em um estado de terror na Guiné atualmente, mas que a ditadura vai terminar, pondo fim também a fome e a miséria, melhorando a educação, através dos princípios de Cabral. Segundo o rapper Imperador, através dos princípios do líder é possível planejar um amanhã melhor para Guiné, mesmo que a realidade atual não seja agradável.

O Amílcar Cabral é o eterno, sinceramente. Nunca consegui. Acho que nunca vou conseguir encontrar as palavras adequadas e suficientes para descrevê-lo. Ele sempre se preocupou com o de vir, com o amanhã. Disse assim ‘as crianças são a razão de nossa luta. As flores da nossa luta e a razão do nosso combate’. Amílcar Cabral, ele está eternizado em nossos corações, em nossas mentes e nas nossas vidas. Não é por acaso que ele é o nosso orgulho. É um líder puro, nato. Inigualável, não se pode igualar. Sinceramente (Imperador, entrevista, 16 de junho de 2024).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O constante reforço do legado de Cabral faz com que possamos compreender o líder revolucionário como um elo de ligação entre aquelas pessoas que focam em melhorias sociais na atualidade. Em meio a um apagamento dos estudos sobre Cabral na educação formal, o rap também age como um agente educativo folkcomunicacional e contra-hegemônico, que informa os ideais defendidos pelo líder revolucionário.

Artistas como Imperador e MC Mário reforçaram durante as entrevistas essa importância de entender a luta de Cabral para criar estratégias de luta civil na atualidade. Masta Tito e Kakus Malgos não foram entrevistados nesta pesquisa, mas suas músicas reforçam esse papel de liderança de Cabral e podem ser estudadas de forma mais aprofundada em pesquisas futuras.

Outra forma de estudar a importância da luta de Cabral no rap e na comunicação é através do idioma. O líder defendia a rejeição dos idiomas ocidentais, como forma de ter línguas que representassem a idiossincrasia cultural africana. Assim, nos dois países que Cabral liderou a Guerra Colonial, Cabo Verde e Guiné-Bissau, o crioulo, uma língua criada pelo povo, através de uma mistura híbrida entre línguas nativas e a imposição do

português, é o idioma falado majoritariamente e comunicado nas músicas de rap, mesmo com o português sendo o único idioma oficial nesses países.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Miguel de; LIMA, R. W. **A presença de Amílcar Cabral na música RAP na Guiné-Bissau e em Cabo-Verde.** Buala. 2013. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/mukanda/a-presenca-de-amilcar-cabral-na-musica-rap-na-guine-bissau-e-em-cabo-verde>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2001.

CABRAL, Amílcar. **A Arma da Teoria:** Unidade e luta. Lisboa: Edições 70, 1976.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas:** Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2001.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro.** Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34.

HERNANDEZ, Leila Leite. **O Pan Africanismo.** A África na sala de aula: Visita à história contemporânea. São Paulo: Selo Negro, 2025. p. 131-157.

MENDONÇA JÚNIOR, Francisco Carlos; NOBRE, Itamar. Rap: uma representação pós-colonial e contra-hegemônica no cenário cultural. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 13 n. 30, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org). **Por uma análise automática do discurso.** Campinas: Editora Unicamp, 1990. p. 61-163.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella & CASSEANO, Patrícia. **Hip-hop:** A periferia grita. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2001.

WEDDERBUN, Carlos Moore. Prefácio: Abdias Nascimento e o surgimento de um pan africanismo contemporâneo global, 2002. In: NASCIMENTO, Abdias. **O Brasil na mira do pan africanismo.** Salvador: Editora EDUFBA, 17-32.